

NOTAS SOBRE A CONCEPÇÃO DE HISTÓRIA EM MARX:
DA FILOSOFIA À CIÊNCIA DA HISTÓRIA.

Pedro Leão da Costa Neto
Universidade Tuiuti do Paraná - UTP

A preocupação com a história, ocupa um lugar central na reflexão de Marx, desde 1845, com a redação em conjunto com F. Engels, de *A Ideologia Alemã*. A preocupação com as diferentes e possíveis vias de desenvolvimento histórico e com as sociedades pré-capitalistas, sempre estiveram presentes nos escritos dos dois pensadores. Marx em seu período tardio, retornará a estas questões e nos deixará uma série de textos, que apresentam uma série de transformações em suas concepções, se comparados a escritos publicados anteriormente. Dentro do conjunto de textos do Marx Tardio, devemos aqui destacar em particular, os seus escritos sobre a Rússia: *Carta a Redação de "Otietchestviennie Zapiski"* (1877) e *Rascunhos e Carta a Vera Zasulich* (1881) e as *Notas etnográficas de Karl Marx* (1880 – 1882); nestes textos, o autor de *O Capital* concentrou seus esforços para elaborar uma interpretação da história que rompesse com toda filosofia da história. Estes escritos dedicados à Questão Russa, são decisivos para uma interpretação não dogmática e não teleológica da obra de Marx, como permitem também uma crítica *avant la lettre* ao marxismo da II Internacional e ao Stalinismo. Nestes escritos, nosso autor, analisou a possibilidade da comuna rural russa oferecer uma alternativa de desenvolvimento histórico, evitando a necessidade de uma passagem necessária pelo *inferno capitalista*.

Marx se distancia aqui, das suas concepções anteriormente esboçadas em uma série de outros escritos redigidos entre o final dos anos quarenta e os anos setenta, nos quais ora Marx, ora Engels sublinhavam, por exemplo: o papel revolucionário desenvolvido pelo Imperialismo Inglês na Índia, o caráter progressista da colonização francesa na Argélia e da conquista do México pelos Estados Unidos.

Em particular, nos textos dedicados à colonização britânica na Índia¹, Marx desenvolve uma análise, na qual ao lado de sublinhar a missão revolucionária desempenhada pela Grã-Bretanha; sublinha igualmente o caráter historicamente transformador desempenhado pelo Modo de Produção Capitalista:

O período burguês da história está chamado a lançar as bases materiais de um mundo novo; a desenvolver, por um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, por outro lado, desenvolve as forças produtivas dos homens e transforma a produção científica em um domínio sobre as forças da natureza. A indústria e o comércio vão criando essas condições de um mundo novo do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a superfície da Terra. E só quando uma grande revolução social se apropriar das conquistas da época burguesa, o mercado mundial e as modernas forças produtivas, submetendo-as ao controle comum dos povos mais avançados, só então o progresso humano deixará de parecer a esse terrível ídolo pagão que só queria beber o néctar no crânio do sacrificado.²

Marx no prefácio a *O Capital*, transforma esta concepção em uma espécie esboço de teoria geral da história:

Em si e para si, não se trata do grau mais elevado ou mais baixo de desenvolvimento dos antagonismos sociais que decorrem das leis naturais da produção capitalista. Aqui se trata dessas leis mesmo, dessas tendências que atuam e se impõem com necessidade férrea. O país industrialmente mais desenvolvido mostra ao menos desenvolvido tão-somente a imagem do próprio futuro.³

É necessário ainda, retornar as importantes passagens dedicadas por Marx nos Grundrisse sobre a questão da individualidade e as condições para seu pleno desenvolvimento, que nos fornecem indicações para compreender sua concepção de história. Em uma passagem decisiva sobre esta problemática, Marx observa:

As relações de dependência pessoal (no começo sobre uma base de todo natural) são as primeiras formas sociais nas quais a produtividade humana se desenvolve somente em um âmbito restrito e em locais isolados. A independência pessoal fundada na dependência com relação as coisas é a segunda forma importante na qual chega a constituir-se um sistema de metabolismo social geral, um sistema de relações universais e de capacidades universais. A livre individualidade fundada no desenvolvimento universal dos indivíduos e na subordinação de sua produtividade coletiva, social, como patrimônio social, constitui o terceiro estágio. O segundo cria as condições do terceiro. Tanto as condições patriarcais como as antigas (e também feudais) se desagregam com o desenvolvimento do comércio, do luxo, do dinheiro, do valor de troca, na mesma medida a qual vai paralelamente crescendo a sociedade moderna.⁴

Em outra passagem da mesma obra, Marx é ainda mais enfático sobre o papel a ser desempenhado pelo capitalismo na criação das referidas condições para o pleno desenvolvimento da individualidade:

Em sua aspiração incessante pela forma universal da riqueza, o capital, impulsiona o trabalho além dos limites de sua necessidade natural e cria assim os elementos materiais para o desenvolvimento de uma rica individualidade, tão multilateral tanto na produção como no consumo, e cujo trabalho, portanto não se apresenta já como trabalho, senão como desenvolvimento pleno da atividade mesma, na qual desapareceu a necessidade natural em sua forma direta, porque uma necessidade produzida historicamente substitui a natural. Por esta razão o capital é produtivo, ou seja, é uma relação essencial para o desenvolvimento das forças produtivas sociais. E só deixa de ser quando o desenvolvimento destas forças produtivas encontram um limite no próprio capital.⁵

Ou ainda:

(...) *A forma mais extrema da alienação*, na qual o trabalho, a atividade produtiva, aparece com relação a suas próprias condições e seu próprio produto na relação do capital com o trabalho assalariado, é um ponto de partida necessário e por isso contém em si, ainda quando de forma invertida, apoiada sobre a cabeça, a dissolução de todos os *pressupostos limitados da produção* e, melhor produz e cria os pressupostos não condicionados da produção e, por isso as condições materiais plenas para o desenvolvimento universal, total, das forças produtivas dos indivíduos.⁶

Por fim, Marx se opõe a toda forma de idealização das sociedades pré capitalistas, como podemos ver no trecho seguinte:

É tão ridículo sentir nostalgia daquela plenitude primitiva como crer que é preciso deter-se neste vazio completo. A visão burguesa jamais se elevou acima da oposição romântica, e por isso que esta a acompanhará como uma oposição legítima até a sua morte piedosa.⁷

Ao contrário dos textos acima reproduzidos, nos seus escritos tardios sobre a comuna rural russa, Marx nos oferece indicações de uma leitura totalmente distinta da que acabamos de apresentar. Agora passa a assumir uma clara oposição a toda concepção fatalista da história, substituirá a sua visão sobre o papel civilizador do capitalismo e esboçará uma concepção sobre a possibilidade das comunas rurais russas servirem como ponto de partida para um desenvolvimento não-capitalista. Marx passa a identificar uma vitalidade própria no interior da comunidade rural russa, passando a concebê-las como uma forma social que poderia representar uma resposta as crises capitalistas, e representando assim um elemento regenerador:

Se a revolução se efetuar em um momento oportuno, se concentrar todas as suas forças (se a parte inteligente da sociedade russa) (se a inteligência russa concentrar todas as forças vivas do país), em assegurar o livre desenvolvimento da comuna rural, esta se revelará rapidamente um elemento regenerador da sociedade russa e um elemento de superioridade sobre os países dominados pelo capitalismo.⁸

Sobre a própria possibilidade de um caminho alternativo para o pleno desenvolvimento da personalidade, Marx nos sugere outra indicação, a partir de uma dialética entre o individual e o coletivo:

Compreende-se facilmente que o dualismo inerente à comuna agrícola pudesse dotá-la de uma existência vigorosa. A propriedade comum e todas as relações sociais que dela resultam dão-lhe uma base sólida, ao mesmo tempo que a casa privada, o cultivo parcelar da terra arável e a apropriação privada de seus frutos admitem em desenvolvimento da individualidade incompatível com as condições das comunidades mais primitivas.⁹

Marx associa portanto esta outra possibilidade, a existência de uma possível solução alternativa:

Sua forma constitutiva admite esta alternativa: ou o elemento de propriedade privada que implica triunfará sobre o elemento coletivo, ou este triunfará frente aquele. Tudo depende do meio histórico aonde se encontre ... Estas duas soluções são possíveis a priori, mas para uma ou para outra é evidente que se requerem meios históricos completamente diferentes.¹⁰

Sobre a idealização das sociedades pré capitalistas, Marx, no final dos anos 60, já se expressava de maneira diversa, em sua Carta a Engels de 25 de março de 1868:

A primeira reação contra a Revolução Francesa e a filosofia das luzes, com a qual esta ligada, foi naturalmente ver tudo sob o ângulo medieval, romântico, e até mesmo pessoas como Grimm não estão isentas disso. A segunda reação – corresponde à orientação socialista, ainda que esses sábios não suspeitem naturalmente que estão ligados a ela – consiste em mergulhar na época primitiva de cada povo, passando por cima da Idade Média. E as pessoas ficam completamente surpreendidas ao encontrar o mais moderno no mais antigo e até mesmo defensores do igualitarismo em um grau que provocaria estremecimentos em Proudhon.¹¹

Os escritos históricos de Marx sobre a Rússia, além de permitirem identificar, as mudanças em sua concepção histórica, possuem igualmente uma dimensão metodológica que pode nos conduzir a elaboração de uma outra interpretação da obra do filósofo de Trier. Ele se expressa contra toda tentativa em transformar a sua concepção materialista de história em uma filosofia da história:

A todo o custo, (*o meu crítico*), quer converter meu esboço histórico sobre as origens do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica sobre a trajetória geral a que se acham fatalmente submetidos todos os povos, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas que nelas concorram, para chegar enfim naquela formação econômica que, a par do maior impulso das forças produtivas do trabalho social, assegura o desenvolvimento do homem em todos e cada um dos seus aspectos. (Isso me traz demasiada honra e, ao mesmo tempo, demasiado escárnio).¹²

E acrescenta, referindo-se a sorte dos plebeus da antiga Roma:

Estudando cada um desses processos históricos separadamente e comparando-os logo entre si, facilmente encontraríamos a chave para explicar estes fenômenos, resultado que jamais lograríamos ao contrário, com a chave universal de uma teoria geral da filosofia da história, cuja maior vantagem reside precisamente no fato de ser uma teoria supra-histórica.¹³

Associada, a esta oposição em transformar a sua concepção materialista da história em uma filosofia da história, Marx se manifesta igualmente contrário em transformar suas concepções em um sistema filosófico: “*Segundo o senhor Wagner, a teoria do valor de Marx é “a pedra angular de seu sistema socialista”. Como eu não construí jamais um sistema socialista trata-se de uma fantasia dos Wagner, Schäßfle e tutti quanti.*”¹⁴

Étienne Balibar, consciente das transformações presentes na obra de Marx, nos oferece uma indicação sobre esta trajetória: “*Mais do que outros, Marx escreveu na conjuntura. Essa decisão não excluía nem a “paciência do conceito”, de que falava Hegel, nem o rigor das conseqüências.*”¹⁵ Nos anos 50, Marx ainda acreditava na iminência de uma revolução e depositava suas expectativas em um desenlace revolucionário da Crise econômica então em curso ele se expressava da seguinte maneira, em Carta a Engels datada de 8 de dezembro de 1857, quando redigia os *Grundrisse*: “*Eu trabalho como um louco a noite toda para fazer a síntese de meus estudos econômicos, a fim de terminar os Grundrisse antes do dilúvio.*”¹⁶

Por outro lado, na segunda metade dos anos 70, suas esperanças estavam voltadas para uma revolução na Rússia. Em Carta à Sorge de 27 de setembro de 1877, afirma: “*Esta Crise é um novo ponto de partida na História da Europa. Desta vez a Revolução se iniciara no oriente, que foi representou até agora o bastião intocável e a arma de reserva da contra-revolução.*”¹⁷

Um traço característico da evolução de Marx desde a sua juventude, é a sua crescente dedicação a leituras de obras históricas e etnográficas, que lhe permitiu superar o caráter historiosófico de algumas de suas primeiras interpretações.¹⁸ Por outro lado, a história política européia dos anos 60 e 70,¹⁹ levará Marx a uma profunda transformação em sua reflexão sobre as perspectivas revolucionárias na Europa, o que conduzirá a um abandono, das suas concepções da década de 1850, que estavam profundamente marcadas por uma “*avaliação equivocada sobre a iminência da revolução.*”²⁰ Enfim, a crescente difusão de seu pensamento sobre os russos, levará a que Marx dedique uma crescente atenção a questão russa.²¹

Tentamos portanto, através de uma análise introdutória dos escritos do Marx Tardio, ressaltar, sua dupla importância, por um lado, nos permite uma leitura de Marx, que rompe com as diferentes leituras fatalistas e evolucionistas de sua obra, como por outro lado, permitem igualmente uma crítica a diferentes matizes de dogmatismo que caracterizou a recepção do pensamento marxista no século XX.

NOTAS

¹Consultar a este respeito, os artigos de Marx sobre a Índia, em particular: MARX, K. *La dominacion britanica en la India e Futuros resultados de la dominacion britanica en la India In: MARX C. e ENGELS F., Obras Escogidas I*, Moscou: Editorial Progreso, 1980, pp. 499–515; também em: MARKS, Karol e ENGELS, *Dziela*, Fryderyk, Varsóvia: Ksiazka i Wiedza, (tradução polonesa da MEW - citado a partir de agora como *MED IX* pp. 142-148 e 246-253).

² Idem, pp. 511-512, (*MED IX* pp. 252-253.)

³ MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da Economia Política, Volume I, São Paulo, Abril Cultural, 1983, p. 12.

⁴ MARX, K., *Elementos Fundamentales para la Crítica de la Economía Política (Grundrisse) 1857-1858*, Madrid: Siglo XXI, 11ª ed., 1980, p. 85 (75-76).

⁵ Idem, pp. 266-267 (231)

⁶ Idem, p. 479 (414-415)

⁷ Grundrisse, Op. Cit., p. 90 (80)

⁸ MARX, Karl, *Rascunho I da Carta a Vera Zaslitch*, In. MARX, K. e ENGELS F., *Escritos Sobre Rusia*, II. El Porvenir de la Comuna Rusa, México: Cuadernos de Pasado y Presente nº 90, 1980, p. 45. (*MED XIX* p. 442).

⁹ *Rascunho I da Carta de Karl Marx a Vera Zaslitch*, In: Op. Cit. p. .35. (*MED XIX* p. 4).

¹⁰ *Rascunho I da Carta de Karl Marx a Vera Zaslitch*, In: Op. Cit. p. .37. (*MED XIX* p. 435).

¹¹ *MED XXXII*, pp. 60-61. Semelhante concepção aparece em um fragmento de W. Benjamin: “No sonho, em que ante aos olhos de cada época aparece em imagens aquela que a seguirá, esta última comparece conjugada a elementos da proto-história, ou seja, a elementos da sociedade sem classes.” BENJAMIN, W., Paris, Capital do Século XIX, in: *Walter Benjamin: Sociologia*, Org., KOTHE, F. R., São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 32.

¹² *Carta de Karl Marx a la redacción de “Otiechestviennie Zapiski”*, In: K. MARX e F. ENGELS. *Escritos sobre Rusia*, Op. Cit. p.64-65, (*MED XIX* p. 127).

¹³ Idem, p. 65. (*MED XIX* p. 128).

¹⁴ MARX, Karl. *Notas Marginais ao “Tratado de Economia Política” de Adolph Wagner*. México: Siglo XXI, 1982. p. 34, (*MED XIX* p. 398).

¹⁵ BALIBAR, E., *A Filosofia de Marx*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1995, p.12.

¹⁶ *MED XIX*, pp.267-268. Marx refere-se aqui as expectativas que depositava no desenlace da Crise econômica então em curso.

¹⁷ *MED XXXIV*, pp. 324-325.

¹⁸ Sobre esta questão, consultar os textos de Lawrence Krader, citados anteriormente na nota 8, como também: SOFRI, Gianni, *O Modo de Produção Asiático*. História de uma controvérsia marxista, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹⁹ Teodor SHANIN em seu artigo: *El ultimo Marx dioses y artesanos*”, enumera uma série de acontecimentos que desempenharam uma importância decisiva na evolução de Marx no período analisado: 1) a derrota da Comuna de Paris e a sucessiva dissolução da Comuna de Paris, 2) o descobrimento da pré-história, que será objeto de estudos sucessivos por parte de Karl Marx, 3) associado a descoberta anterior, a ampliação dos conhecimentos sobre as sociedades rurais não capitalistas e por fim 4) A Rússia e os russos que oferecia uma combinação de todas as causas anteriores. In: SHANIN, T., “*El Marx tardío y la vía rusa...*”, Op. Cit., pp. 18-19.

²⁰ A respeito da eminência da revolução em Marx, Cf.: BASSO, Lélío, *Socialismo y Revolución*, México: Siglo XXI editores, pp. 199-215 e ROSDOLSKY, Roman, “*Friedrich Engels y el problema de los pueblos “sin historia”*: La cuestión de las nacionalidades en la revolución de 1848-1849 a la luz de “*Neue Rheinische Zeitung*””,. México; Siglo XXI editores, p. 188.

²¹ Cf. a este respeito a obra de DUSSEL, Enrique: “*El ultimo Marx (1863-1882) y la liberación latinoamericana*”, em particular o Cap. 7 : Del ultimo Marx e a America Latina, 7.2: El “viraje”: La Cuestión Rusa” (1868-1877) e 7.3: La respuesta a Vera Zasulich o el apoyo a los “populistas rusos” (1877-1881); pp. 243-261. Dussel enumera ao lado do fracasso da Comuna de Paris, uma sensibilidade ao problema camponês (anteriormente inexistente) e enfim a entusiasta recepção entre os intelectuais russos das suas idéias e obras. Dussel, entretanto, parece privilegiar uma trajetória eminentemente teórica para a evolução da obra de Marx no período, sublinhando a importância dos contatos de Marx com os intelectuais russos - *intelectuais da periferia*.